GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS EM DIÁLOGO

DIÁRIO – 20 de maio de 2025

Apresentadores/*Autor*/Participantes:
Augusto e Thiago/*André*/Bruna, Cristiane, Daniel, Daniele, Josiane, Larissa, Sabrina, Thalia

Referências

BUENO, Wilson Costa. Comunicação Científica e Divulgação Científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, [*S. l.*], v. 15, n. 1 esp, p. 1–12, 2010. DOI: 10.5433/1981-8920.2010v15n1espp1. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585.

SILVA, Henrique César da. O que é Divulgação Científica? **Ciência & Ensino**, [*S. l.*], v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: http://179.108.116.1:3537/ojs/index.php/cienciaeensino/article/viewFile/39/98.

O encontro teve por intenção continuar os estudos do bloco sobre a Divulgação Científica (DC). Os diálogos se estabeleceram a partir da questão do encontro anterior: quais as diferenças entre Comunicação Científica e DC? Esta foi reforçada por outra indagação, oriunda de momentos anteriores: As publicações realizadas no *site* e no *instagram* do grupo, configuram DC ou são Comunicação Científica? Nesse sentido, a proposta inicial foi questionar a concepção sobre DC oportunizada pelas leituras. Imagens foram apresentadas, retratando espaços que poderiam ser destinados à divulgação (jornais, cartazes, redes sociais, teatros, reuniões políticas *etc.*). Nelas, percebia-se públicos nacionais ou regionais, públicos vinculados a expressões culturais, públicos vinculados à política *etc.*

Diante dessas segmentações, refletiu-se sobre considerar tudo como DC ou se a Comunicação Científica deve ser pensada. Acerca dos textos, diferenciações do perfil do público, linguagem utilizada, natureza dos canais e interlocuções que ocorrem entre especialistas e com públicos leigos, uma reflexão sobre o papel do saber científico foi comentada. Quando visualizamos nossa atuação no campo educacional, não nos desvinculamos da transposição didática, em que devemos considerar um saber a ensinar (adaptado de um saber sábio, oriundo da comunidade científica) e um saber a ser ensinado (resultado do processo, que atende a organização de programas e instituições de ensino).

Entendendo-nos como responsáveis por essa transposição, procuramos responder duas novas indagações, relacionadas às formas de linguagem utilizadas em meios de divulgação, os estereótipos na produção do conhecimento e a possível existência de um tipo textual exclusivo da DC. Para nós, não existe um padrão, desde que a linguagem permita que a mensagem seja passada com clareza e com fácil acesso para o público que não possui aquele conhecimento especializado. Contudo, acreditamos no reforço de alguns estereótipos, a depender de como a divulgação é feita (pessoa leiga, jornalistas com viés sensacionalista).

Ademais, alguns cientistas também possuem dificuldade para adotar linguagens mais simplificadas e, sobre isso, reconhecemos a necessidade de ampliar a visibilidade das nossas produções, ora restritas aos pares da academia. Consideramos a (re)construção de posturas profissionais e práticas pedagógicas, visto que identificamos demandas contemporâneas que exigem pragmatismo, levando à busca por informações ou posicionamentos apenas quando a necessidade surge. Ou seja, não é comum encontrarmos indivíduos preparados para se posicionar criticamente a qualquer momento.

A etimologia das palavras "Comunicação" e "Divulgação" foi pesquisada no *Google*[1]. Nesse viés, as definições apresentadas por Bueno (2012) se distanciam da perspectiva educacional libertadora, uma vez que a Comunicação Científica é apresentada limitada aos especialistas, enquanto a etimologia da palavra Comunicação se alinha à partilha e troca de ideias, por sua vez, coerente com o movimento dialógico de Freire, reconhecido como processo de comunicação contra a domesticação dos indivíduos[2]. Nesse sentido, novamente o grupo se questiona: Será que fazemos DC? Será que fazemos Comunicação? Onde fica o conceito de Produção Científica? O referencial epistemológico do grupo, Ludwik Fleck, foi rememorado a partir das discussões sobre as relações intrapares e extrapares.

Para Fleck, o diálogo com pessoas de outras áreas é necessário. Nesse sentido, diferentes especialistas ou leigos, que compõem os círculos esotérico e exotérico, poderiam realizar a divulgação. Porém, importa para quem falariam? A fala é diferente por parte de quem estuda e conhece determinado objeto? Ao mesmo tempo, devemos nos perguntar: De quem é esse papel de fazer DC? Também precisa recair no professor? A disseminação de conhecimento não deveria acontecer em outras esferas?

Enquanto freireanos, talvez estejamos compreendendo nossa situação histórica e um possível limite a ser superado, mas que deve ser construído com outros sujeitos. Percebeu-se que a discussão de DC se faz em uma necessidade histórica, inspirada em Paulo Freire, de denúncia e anúncio para tornarem-se práxis[3] (denunciar o que temos ou não temos, o silenciamento da área, para anunciar a falta da DC e necessidade de outras demandas). Ainda sobre a perspectiva Fleckiana, ratificando os distanciamentos com a conceituação vista nos

[1] **Comunicação:** Remonta ao latim *communicatio*, que significa "ação de tornar comum, partilhar, trocar". O termo está relacionado a communicare, que significa "dividir, compartilhar", e a communis, que significa "comum, geral". Isso implica a troca de informações, ideias, sentimentos, *etc.*, entre indivíduos; **2) Divulgação:** Vem do latim *divulgatio*, que, por sua vez, deriva de *divulgare*, que significa "tornar público", "publicar" ou "fazer conhecer". O verbo latino *divulgare* é composto por "dis-" (movimento para fora) e "vulgare" ("tornar comum").

[2] FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

[3] FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

textos, o grupo considera que realiza produção científica, obrigatória nos ambientes acadêmicos e que necessita de diálogos intra e intercoletivos, impactando nas produções[4].

Porém, reforçou-se a ideia de que suas produções estão comunicadas dentro de um círculo. Quando expandimos o trabalho para outros públicos fora de nosso círculo esotérico, aproximando-nos do círculo exotérico (cursos de extensão com temas geradores ou outras propostas pedagógicas construídas via processos formativos), a forma de trabalho e divulgação do nosso referencial é modificada. Os ideais de modificação da escola não partem do vazio, existe uma produção de conhecimento por trás que talvez não se encaixe na Comunicação Científica ou DC. Todavia, não negamos a ocorrência dessas práticas como resultado das práticas educativas (folder, rádio escolar, canais nas redes sociais *etc.*).

Após essas reflexões, uma dinâmica em grupo foi proposta: 1) Delimitar um público (não da academia); 2) Escolher um artigo/trabalho/ação desenvolvida pelo GEPECiD; 3) Explicar para este público o que é o GEPECiD; e 4) Exemplificar o trabalho do coletivo por meio da divulgação do artigo/trabalho/ação escolhido. As sistematizações foram compartilhadas no Padlet. A dupla de Sabrina e Josiane escolheu professores da educação básica ou ensino superior de várias áreas do conhecimento e selecionou um trabalho sobre busca de TG. A proposta se baseou em encontros dialógicos (ensino superior) e espaços de formação (educação básica) via parceria com as secretarias de estados. Problematizaram como chegar até esse público e a importância de redes sociais, vídeos e podcasts.

O trio de André, Daniele e Thalia escolheu professores da educação básica e selecionou um trabalho sobre Inteligência Artificial na Educação CTS. Optou pela problematização "Qual o papel da educação com relação à IA?" e uma imagem de corpo humano e com a cabeça substituída por uma tela (com projeção de valores econômicos e impactos socioambientais causados pelo uso da IA). Com isso, indicar temáticas de interesse do GEPECiD. O trio de Thiago, Bruna e Daniel escolheu professores da escola básica e estudantes de licenciatura e propôs a apresentação do *site* e livro do grupo, com contexto de produção ou vídeos. A proposta apresentada seria inspirada no festival Pint of Science e buscaria, de forma organizada, dialogar sobre as atividades do grupo ao longo do semestre, com foco na apresentação das produções e encontros realizados.

O trio de Augusto, Cristiane e Larissa escolheu gestores das escolas para dialogar a partir do capítulo quatro do livro do grupo, agregando comentários de professores que

[4] Sugeriu-se a obra de Alan Chalmers, "O que é Ciência Afinal?".

participaram da caminhada do GEPECiD e que se encontram na escola para socializar os processos de implementação da proposta de Estudo da Realidade. Partiria-se de um processo de escuta e diálogo com gestores, sobre os maiores desafios e como estruturam o currículo de suas escolas, buscando posteriormente por demandas de formação. O trabalho com coordenadorias também seria uma aposta, indicando que nossa atuação se dá em escolas públicas, privadas e, também, cursos pré-vestibulares.

O encontro foi finalizado com o resgate das perguntas estabelecidas durante a tarde. A compreensão prévia desse momento é de que antes mesmo de pensarmos em encaixar nosso trabalho em uma dessas definições, devemos considerar que não temos por pretensão assumir e resolver todas as demandas educacionais e sociais. Enquanto grupo, estamos dispostos a somar esforços para integrar Universidade, escola e outras comunidades, de maneira dialógica e comprometida. É verdade que, apenas as redes sociais não darão conta desse trabalho e precisaremos pensar em outras estratégias e formas de disseminar nossos ideais, pois parcerias sempre são importantes. Dito de outra forma, somente a internet não tem nos permitido atingir as pessoas que são público-alvo da nossa concepção educacional e, com isso, existem dificuldades de fazer com que esse público chegue ao nosso encontro.

Considerou-se que a DC está relacionada com a Alfabetização Científica, haja vista que muitas vezes a figura do cientista, a Ciência e a Tecnologia têm estado distantes da sociedade. Por isso, entender o que se divulga, a partir de um olhar crítico, permite desde o contexto educacional entender: Qual conhecimento se produz? Para qual finalidade? De que forma se fala em Ciência? Para quem? Com que intencionalidade? Com o apoio da Alfabetização Científica, acredita-se que o movimento da DC poderá se mostrar na escola como produto do trabalho. Além disso, será importante investigar o papel da coprodução e coaprendizagem neste processo.